

# Festa da Árvore

por Leonor Carvalho

A primeira Festa da Árvore da Amadora realizou-se a 28 de Maio de 1909.

Nos dias anteriores a imprensa da capital, nomeadamente o Diário de Notícias, deu ampla publicidade à festa e empolgou sobretudo a realização do cortejo cívico, descrevendo os carros que iriam desfilar e divulgando até algumas fotografias dos mesmos. O cortejo subordinava-se ao tema da Natureza. Das dez viaturas que o compunham podemos citar o "carro da árvore", da "Primavera", da "agricultura", e ainda dos "bombeiros", cujo contributo para a protecção dessa mesma natureza se pretendia salientar. Do programa desta primeira festa constavam também: a plantação de 150 árvores, um desfile de bandas, lançamento de foguetes e uma sessão solene que incluiria a distribuição de lanches às crianças nas instalações da Fábrica de Espartilhos Santos Matos.

Devido à divulgação que foi feita muitas pessoas de Lisboa tomaram o comboio em direcção à Amadora no dia 28 de manhã. A população esperava com entusiasmo esta primeira festa pois, como nos relata o Diário de Notícias desse dia, "quase todas as janelas situadas naquelas ruas se achavam decoradas com flores, verduras, bandeiras e colchas de damasco".

As más condições climatéricas prejudicaram, no entanto, o programa cuja execução ficou parcialmente amputada realizando-se apenas uma sessão solene, um lanche e distribuição de roupas às crianças. Os carros alegóricos, com grande pena dos espectadores, não puderam desfilar, organizando-se de improviso, a sua exposição nas instalações da Fábrica de Espartilhos Santos Matos.

A realização de festas da árvore em Portugal integra-se num crescendo de importância dos ideais republicanos.

Embora possamos filiar o culto da árvore num culto da Natureza que desde a Alta Antiguidade atribuída a cada elemento uma alegoria ou a protecção de algo em especial, este culto implanta-se com muita força com a Revolução Francesa.

O culto da árvore pretende, a partir desta época, substituir as festividades religiosas, implantando novos dogmas como Liberdade, Razão, Progresso ou Pátria.

Durante o século XIX e inícios do séc. XX, a Festa da Árvore vai-se expandindo por um número cada vez maior de países. A data de chegada e o grau de implantação da festa dependem da evolução político-ideológica de cada país.



Festa da Árvore de 1984, em que participaram vários carros alegóricos (Parque Delfim Guimarães)

Em Portugal a Festa da Árvore, tanto quanto temos conhecimento, surgiu em 1907, nitidamente ligada à Maçonaria, organização secreta, disseminada por todo o País, com fins políticos concretos na implantação da República. Da responsabilidade directa ou indirecta da Maçonaria, são os ideais de Instrução e Progresso (ao serviço dos quais se salienta a acção da Liga Nacional de Instrução), um surto de Comemorativismo e Associativismo materializado na realização de muitas "festas cívicas".

A Festa da Árvore surge dirigida essencialmente para as escolas e os quartéis, com a função de educar, de desenvolver a agricultura (como base da economia nacional), e de lançar os pilares de uma nação instruída e próspera. Cultua-se a "Mãe Natureza". O respeito pela Natureza é o primeiro elemento de civilidade e base de fraternidade. Amor à Árvore e amor à Pátria interligam-se em discursos de idêntico teor ao que citamos seguidamente: "(...) Nós portugueses não somos decerto os que menos devemos à árvore. De madeira eram as escadas por onde Mem Ramires subiu com a sua gente para a tomada de Santarém, as máquinas rolantes, pontes e arietes com que Afonso Henriques tomou Lisboa, as naus que levaram Vasco da Gama à Índia; como de madeira foram os primeiros padrões onde flutuou a bandeira das quinas em cada paragem ignota que a ousadia portuguesa ia mostrando ao mundo absorto" (Desidério Beça, A Festa da Árvore e o Exército Português, págs 6-7).

Também o republicanismo fazia da Instrução, Progresso e Fraternidade, o seu programa de acção e a ligação entre Maçonaria, Republicanismo e o Comemorativismo local (de que a Festa da Árvore é um bom exemplo), é nítida no início do século em Portugal.

No caso concreto da Amadora podemos integrar esta comemoração na manifestação dos ideais progressistas de uma certa elite cultural que, na transição de século, se fixa em torno da estação de caminho de ferro e que toma a seu cargo uma série de iniciativas visando o desenvolvimento da localidade.

*(Continua na pág. IV)*



# Festa da Árvore

(Continuação da pág. 1)

A primeira Festa da Árvore fez convergir de tal forma os ideais dos seus organizadores que estes resolveram dar continuidade à iniciativa através de um programa de intervenção contínua na melhoria da Amadora. É assim que, a partir da Comissão Organizadora da Festa, se constituiu a 22 de Agosto de 1909, a Liga dos Melhoramentos da Amadora. Os estatutos desta Associação revelam intenções de actuação em diversas áreas, tentando colocar a Amadora no centro da modernidade da época: saúde, higiene, obras públicas, comunicação e, é claro, espaços verdes, arborização e instrução pública.

Entre 1909 e 1913 a Liga (que se proclama uma associação isenta de fins políticos e cujos cargos são desempenhados de forma gratuita), desempenha uma actividade muito intensa, transformando a Amadora naquilo que os próprios membros designavam uma "Cidade Jardim", um local agradável de habitar e visitar. Com a elevação da Amadora à categoria de freguesia, em 1917, a Associação perdeu de certa forma o sentido (uma vez que as suas atribuições estão agora oficializadas e competem à Junta de Freguesia) e extingue-se pouco tempo depois.

Em 19 de Maio de 1910, ainda durante a vigência da Monarquia, assiste-se à 2.ª Festa da Árvore da Amadora, já a cargo da Liga dos Melhoramentos da Amadora. Para a Festa, realizou-se um comboio especial transportando as corporações de Bombeiros, bandas filarmónicas e escolares do Concelho de Oeiras que abrilhantaram a festa. Neste dia foi recitado por Delfim Guimarães um poema de sua autoria, A Árvore, que, posteriormente ilustrado pelo pintor Roque Gameiro, foi publicado pela Liga dos Melhoramentos da Amadora.

Somente em 1913 se tornou a realizar a Festa da Árvore.

A realização de 9 de Março que constou essencialmente de várias plantações de árvores em diferentes locais e de duas palestras subordinadas ao tema "A Árvore", funcionou quase como o prólogo da "Grande Festa da Amadora consagrada à Árvore e às Escolas". Esta teve lugar a 3 de Abril com um programa que excedeu todas as expectativas.

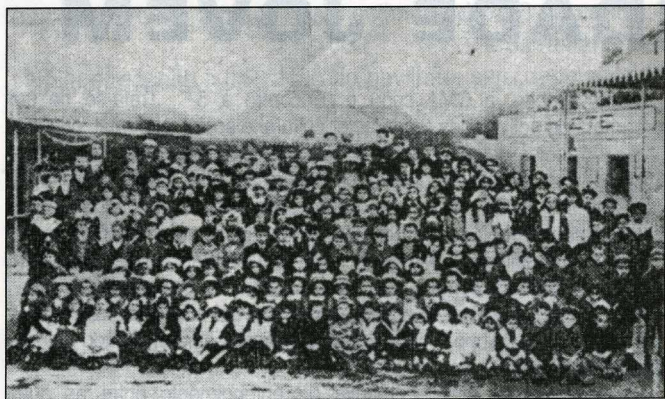
A imprensa da época noticiou esta festa como a mais grandiosa dos arredores de Lisboa. Organizaram-se comboios especiais do Rossio e de Sintra com destino à Amadora. A afluência à festa é muito grande, calculando-se cerca de 50.000 visitantes.

O Presidente da República, Manuel de Arriaga, inaugurou o Bairro-Parque da Mina e estiveram presentes diversos membros do Governo.

A Festa iniciou-se logo de manhã e estendeu-se animadamente pela noite, nos Recreios Desportivos. O ponto alto da festa foi o cortejo cívico cujos carros são descritos como magnificamente decorados.

Paradoxalmente, esta festa que conseguiu concentrar na Amadora as atenções da capital e arredores, não teve sequência nos anos seguintes.

1913 é de facto o grande ano da Festa da Árvore, também a nível nacional, marcando, de certa forma, a consolidação do regime republicano. A Festa Nacional da Árvore não consegue enraizar-se nas tradições nacionais e, em 1916, está praticamente extinta.



Os alunos das Escolas da Amadora, reunidos para a grande "Festa da Árvore" e para receberem o Presidente da República, Dr. Manuel de Arriaga - 13-4-1913.

Nesse ano, a Liga dos Melhoramentos aderiu à Festa Nacional da Árvore, mas não prescindiu da realização já agendada para Abril desse ano. Assim, a Amadora assistiu a duas Festas da Árvore: uma a 9 de Março e a outra a 3 de Abril. A primeira apresenta-se com um programa mais modesto, apenas para assinalar a iniciativa do Século Agrícola.



Festa da Árvore em 19-5-1984. Parque Delfim Guimarães

Na década de 80 o Centro Cultural Roque Gameiro recuperou a realização da Festa da Árvore, não pretendendo reconstituir todo o simbolismo de que esta festa se revestiu no princípio do século, mas com o intuito de criar laços entre a actual população da Amadora e o território, divulgar a existência de uma identidade cultural e criar condições para se pensar sobre ela.

LEONOR CARVALHO

Comunicação apresentada ao Congresso Cultura e Desenvolvimento, organizado pela Associação Portuguesa de Antropologia, na Fundação Calouste Gulbenkian em 10-12 de Fevereiro de 1993.



# A ÁRVORE

Poesia de Delfim Guimarães, recitada pelo autor na Festa da Árvore realizada na Amadora em 29 de Maio de 1910

De um pequenino grão disforme, inanimado,  
Que a terra agasalhou em seu regaço augusto,  
Fazendo-lhe beber o leite abençoado  
Do seio maternal, nasceu gracioso arbusto!

Transformou-se a matéria inerte em força viva,  
Do raquítico embrião surgiu um ser fulgente,  
Que a terra, essa fecunda obreira, sempre activa,  
Seu alento vital insuflou à semente.

Erguendo-se do chão, a árvore franzina  
Procura a luz do Sol que em pleno azul dardeja;  
E é um regalo ver como essa luz divina  
A esmalta de áureos tons, com que ternura a beija!

Um ribeiro que vae a cantar de mansinho,  
E que lhe passa ao pé, em marcha fugidia,  
Afaga o seu hastil com o maior carinho,  
Infiltra na raiz suavíssima ambrosia.

À noite o seu dormir é sossegado e brando,  
Sob um docel azul resplandecente de astros;  
E, se uma vez ou outra acorda, vê velando  
Junto a si o luar, solícito, de rastros.

E a frágil, débil planta, o arbusto delicado,  
Com uns desvelos taes, exulta de contente,  
Lembrando sem pesar o seu antigo estado,  
Sentindo-se feliz por já não ser semente.

Com a graça infantil de creança ditosa,  
Vae tomando feições, vae crescendo sem peias,  
Sofrendo a ebulição constante, prodigiosa,  
Do rico manancial que lhe corre nas veias.

Crescendo a mais e mais, esbelto, prazenteiro,  
Vae engrossando o corpo, o tronco verde e liso,  
E encara sem temor, com alma de guerreiro,  
Os botes do tufão e as balas do granizo.

Adora o etéreo ceu, o espaço livre, a altura,  
A amena viração, o orvalho, o firmamento,  
E a terra onde nasceu, que a raiz lhe segura,  
Que lhe dá solidez, protecção e alimento.

Adora a grande luz, a paisagem dos campos,  
Onde, a plenos pulmões, se aromatiza e banha;  
E gosta de entrever, no escuro, os pirilampos,  
E de ouvir da cigarra a melopeia estranha.

Sem loucas ambições, nem sonhos desmedidos,  
Alheio à perdição que lavra na cidade,  
Os pensamentos maus são-lhe desconhecidos,  
Respira candidez a sua mocidade...

Ergueu braços, floriu, toucou-se de ramagem,  
Apurou as feições, embelezou o aspecto,  
E em tudo faz lembrar, nos modos e roupagem,  
Um nobre castelão, afável e correcto.

Orgulho, não o tem; não conhece a vaidade.  
"Ser útil e ser bom", sua divisa é esta;  
É um coração leal distilando bondade,  
Que dá tudo o que tem, e a própria sombra empresta!

A árvore sucedeu ao peregrino arbusto,  
A derramar a flux balsâmica fragância;  
Ao delicado hastil, um tronco tam robusto  
Que se pôde enxergar d'uma enorme distância!

As aves vão poisar nas hastes dos seus ramos,  
Seus ninhos construir na sua alfombra amiga;  
E quantas vezes nós também buscar não vamos  
A sua protecção, exaustos de fadiga!

Sem se fazer rogar, fidalga e generosa,  
Nunca nos recusou a mais franca hospedagem:  
Lauta ceia ou jantar de fruta saborosa,  
E na esteira do chão um leito de folhagem!

E vendo assim formada uma árvore no solo,  
Poucos anos depois de a ver recém-nascida,  
Quem não abençoará quem a creou ao colo,  
Quem d'um pequeno grão fez tam preciosa vida?

Ó terra, ó boa-mãe, dize por que maneira,  
Alquimista subtil cujo poder espanta,  
Lograste conseguir, com arte feiticeira,  
Transformar um argueiro em soberba giganta!

— É que a terra dispõe d'um famoso cadinho,  
Tudo faz depurar, tudo funde e renova;  
No sombrio paúl faz florescer o linho,  
E vidas mil surtir das podridões da cova.

No seu rude lidar, é vê-la, afadigada,  
Receber, compassiva, ao que ha de mais abjeto,  
Que a vara de condão da portentosa fada  
Faz transformar em musgo, em madre-silva ou feto.

Das suas criações, a que mais nos assombra,  
E talvez a maior, sem dúvida a mais bela,  
É essa que nos dá fruta, fresca e sombra,  
E onde ouvimos cantar o melro e a filomela!

O coração da mãe a essa filha amada  
Tratou com tal amor, dotou com tal grandeza,  
Que não tem um defeito, o mais ligeiro nada,  
Que possa diminuir-lhe a esplêndida beleza.

A árvore traduz quando ha de majestade,  
Todas as perfeições resume por encanto:  
Beleza, Força Amor, Dedicção, Bondade,  
A altivez d'hum heroe e a almazinha d'um santo!

Bemdita sejas tu, ó árvore, entre quantas  
Jóias de estimação a natureza encerra!  
Fonte de sumo bem, imperatriz das plantas,  
Bemdita sejas tu, obra prima da terra!